

2. Jesus, o Logos Divino: Desvendando o Poder da "Palavra" no Evangelho de João

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 07/11/2025 02:45

1. Introdução: "No Princípio era o Verbo"

O Evangelho de João se inicia de forma única e majestosa, não com uma genealogia ou o relato do nascimento de Jesus, mas com uma declaração teológica profunda que ecoa o próprio início das Escrituras. A passagem de **João 1:1-5** constitui a abertura do que é amplamente conhecido como o "Prólogo de João", uma introdução que funciona como uma abertura sinfônica, apresentando os temas centrais que serão desenvolvidos ao longo de todo o livro.

Estes versículos fundamentais estabelecem o tom para a compreensão da identidade e da missão de Cristo:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." (João 1:1-5)

Muitos teólogos e estudiosos consideram este prólogo um verdadeiro resumo da narrativa bíblica. Em apenas cinco versículos, João encapsula a eternidade de Cristo ("No princípio era"), sua divindade ("o Verbo era Deus"), sua relação na Trindade ("o Verbo estava com Deus"), seu papel como agente da criação ("Todas as coisas foram feitas por ele"), sua função como fonte de vida e salvação ("Nele estava a vida") e o conflito cósmico entre o bem e o mal ("a luz resplandece nas trevas").

Essa introdução poderosa serve como alicerce para tudo o que se segue. Para desvendar a profundidade dessa declaração, é essencial explorar o significado de uma palavra-chave que está no centro de tudo: o "Verbo", ou, em seu termo original grego, o *Logos*.

2. O Conceito de 'Logos': Uma Palavra, Múltiplos Universos

A escolha da palavra "Verbo" na tradução de João 1:1 é uma tentativa de capturar a profundidade do termo original grego: *Logos* (λόγος). Embora frequentemente traduzido também como "Palavra", o *Logos* carrega uma riqueza de significados que uma única tradução dificilmente consegue abarcar. Para entender a escolha de João, é preciso primeiro compreender o fenômeno da polissemia.

Polissemia é a capacidade que uma palavra tem de possuir múltiplos significados, que se revelam de acordo com o contexto em que é utilizada, ou seja, seu "campo semântico". Um exemplo simples na língua portuguesa é a palavra "manga". Em uma feira, "manga" refere-se inequivocamente à fruta. Dentro de uma indústria têxtil, a mesma palavra designa a parte de uma camisa que cobre o braço. Em uma oficina mecânica, pode se referir a uma peça específica do eixo de um carro, a "manga de eixo". A palavra é a mesma, mas o universo de significado ao seu redor — o campo semântico — define sua função.

O termo *Logos* é um dos exemplos mais potentes de polissemia na língua grega. A decisão de João de usá-lo para descrever Jesus foi estratégica, pois a palavra ressoava com significados profundos tanto para o público judeu quanto para o grego. O seu campo semântico é vastíssimo, podendo significar:

- **Comunicação e Expressão:** fala, conversa, discurso, pregação, notícia, fama.
- **Razão e Intelecto:** razão, lógica, pensamento, cálculo, meditação, motivo.
- **Doutrina e Ensino:** ensino, preceito, doutrina, provérbio, profecia.
- **Conceitos Abstratos:** questão, queixa, conta, coisa.
- **Autoridade e Ministério:** a própria mensagem do evangelho, o ministério da palavra.

Ao selecionar uma palavra tão carregada de sentidos, João prepara o terreno para apresentar Jesus de uma forma que dialoga com as mais profundas buscas intelectuais e espirituais de sua época, tanto na filosofia grega quanto na teologia judaica.

3. O Logos na Filosofia Grega: A Busca por uma Razão Universal

Para além do seu significado cotidiano, o termo *Logos* possuía um peso filosófico imenso no mundo greco-romano, e a escolha de João por essa palavra foi, sem dúvida, intencional para dialogar com essa tradição. As primeiras civilizações buscavam explicar os fenômenos da vida — a chuva, o sol, a origem do mundo — através de mitos e narrativas simbólicas. Contudo, com o avanço do pensamento humano, especialmente entre os gregos, surgiu a necessidade de uma explicação mais racional e sistemática para a realidade.

Foi nesse cenário que o filósofo pré-socrático **Heráclito de Éfeso** (c. 535 – 475 a.C.) deu ao termo *Logos* uma conotação revolucionária. Cerca de 500 anos antes de Cristo, ele foi um dos primeiros pensadores a utilizar a palavra para descrever um princípio universal de ordem e razão. Para Heráclito, o *Logos* era a inteligência cósmica, a lógica subjacente que governa todo o universo, a causa primária de tudo o que existe, sem que ela mesma tivesse sido causada por algo anterior. Era a resposta para a grande questão: "De onde tudo veio?".

Essa ideia se difundiu e se tornou corrente na filosofia. Portanto, quando João abre seu Evangelho declarando que "No princípio era o *Logos*", ele estabelece um ponto de contato direto com a mentalidade grega. É uma hipótese plausível que João estivesse intencionalmente dialogando com essa busca filosófica. Sua mensagem é transformadora: aquela razão universal, aquele plano inteligente e força criadora que os filósofos buscavam de forma abstrata, não é um conceito impessoal. Esse *Logos* se tornou pessoa, recebeu um nome e habitou entre a humanidade: Jesus Cristo. João pega o conceito mais elevado da filosofia grega e afirma que ele andou, falou e tocou entre eles.

4. O Logos no Pensamento Judaico: A Palavra Criadora e Soberana de Deus

Se o termo *Logos* dialogava com a filosofia grega, ele ressoava de forma ainda mais profunda e familiar no contexto judaico. A escolha de João por essa palavra foi duplamente genial, pois ela se conecta diretamente ao conceito hebraico de *Dabar* "palavra" (דָּבָר), que significa que a "palavra" do Antigo Testamento, a "Palavra de Deus" não é meramente um som ou um texto, mas uma força dinâmica, uma extensão do poder e da vontade de Deus em ação no mundo.

Essa concepção da Palavra como um agente ativo de Deus permeia todas as Escrituras Hebraicas, onde ela assume múltiplos significados:

- **Poder Criador:** A manifestação mais fundamental da Palavra está no relato da criação. Em Gênesis 1, o universo não surge do nada, mas da fala divina: "**E disse Deus: Haja luz; e houve luz**" (Gênesis 1:3). A Palavra de Deus é performativa; ela realiza o que declara. O salmista ecoa essa verdade: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus" (Salmo 33:6).
- **Lei e Mandamento:** A Palavra de Deus representa Seus mandamentos e Sua Lei, a base da aliança com Israel. Obedecer à "palavra" é obedecer às diretrizes divinas, como se vê em **Deuteronômio 30:14**: "Pois esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires".
- **Profecia e Revelação:** A mensagem dos profetas era introduzida como "a palavra do Senhor que veio a...", significando a revelação direta da vontade e dos planos de Deus para o Seu povo.

- **Sabedoria e Orientação:** A Palavra também é sinônimo de sabedoria divina, um guia para a vida. O **Livro de Provérbios** está repleto dessa ideia, e o Salmo 119 a celebra como "lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho" (Salmo 119:105).

O ponto mais impactante para um leitor judeu do primeiro século seria a frase de abertura de João: "**No princípio...**". A escolha dessas palavras é um eco inconfundível de **Gênesis 1:1**: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". Ao iniciar seu Evangelho dessa forma, João intencionalmente coloca o *Logos* no mesmo patamar do ato criador. A mensagem implícita é poderosa: a mesma Palavra que trouxe o universo à existência é a pessoa de Jesus Cristo, o agente de uma nova criação.

5. A Revelação Suprema: Quando o Logos se Torna Pessoa

A declaração de João no primeiro versículo de seu Evangelho é uma das afirmações teológicas mais densas e cruciais de toda a Bíblia: "**No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus**" (João 1:1). Esta frase estabelece, em uma sequência lógica irrefutável, a eternidade, a personalidade e a plena divindade de Cristo. Ele não é uma criação, pois "no princípio, Ele já era". Ele não é uma força impessoal, pois "estava com Deus", indicando uma relação íntima e distinta. E Ele não é um ser inferior ou uma emanação, pois "o Verbo era Deus".

Essa revelação se aprofunda quando contrastamos a Palavra divina com a palavra humana. No cotidiano, a fala humana pode ser vazia, enganosa ou superficial — um "xaveco", como se diz popularmente, onde as palavras prometem algo que a pessoa não é ou não pretende cumprir. Dizemos coisas que não sentimos e fazemos promessas que não podemos sustentar. Nossa palavra pode estar desconectada da nossa essência.

Com Deus, a realidade é radicalmente diferente. Deus é a Sua Palavra. O *Logos* não é apenas o que Ele diz; é quem Ele é. Cada atributo que Ele revela em Sua palavra é um reflexo direto de Seu caráter:

- Quando Ele declara **justiça**, é porque Ele é o Justo.
- Quando Ele demonstra **misericórdia**, é porque Ele é o Misericordioso.
- Quando Ele ensina sobre o **amor**, é porque Ele é o Amor.
- Quando Ele oferece o **perdão**, é porque Ele é o Perdoador.
- Quando Ele profetiza, é porque Ele é o Profeta supremo.

A carta aos **Hebreus** complementa essa ideia ao afirmar que, se no passado Deus havia falado de muitas maneiras "pelos profetas", em um momento culminante da história, Ele falou de forma definitiva "pelo Filho" (Hebreus 1:1-2). O *Logos*, que antes era a mensagem, agora se torna o mensageiro. A Palavra se fez carne, e a revelação de Deus deixou de ser apenas ouvida para ser vista, tocada e vivida na pessoa de Jesus Cristo.

6. O Paradoxo do Logos: O Silêncio na Cruz e a Lógica Divina

Um dos paradoxos mais profundos da fé cristã reside no momento da Paixão: o *Logos*—a Palavra, a Razão de todas as coisas—enfrenta a sua provação máxima em silêncio. Enquanto a lógica humana e religiosa da época estava em plena atividade, utilizando seus próprios "logos" (planos, cálculos e estratégias) para arquitetar a condenação do Logos de Deus, a Palavra encarnada escolheu um caminho radicalmente oposto.

Os Evangelhos narram que, diante de seus acusadores, Jesus permaneceu em grande parte calado. Este comportamento cumpre de forma impressionante a profecia de **Isaías 53:7**:

"Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a sua boca; como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca."

Este silêncio não era um sinal de fraqueza ou derrota, mas uma declaração poderosa. Na cruz, o *Logos* silente comunicou ao mundo que a lógica do Reino de Deus não opera por meio da força, da coerção ou da autopropetuação violenta. Enquanto a lógica humana grita por direitos, poder e vingança, a lógica divina se revela no sacrifício, na entrega e na humildade.

Aquele que é a própria Razão do universo, que poderia ter aniquilado seus inimigos com uma única palavra, escolheu o silêncio para demonstrar que o verdadeiro poder se encontra na perda e que a verdadeira vida nasce do sacrifício. A cruz, portanto, é a expressão máxima da lógica de Deus, uma lógica que subverte completamente o pensamento humano e revela um caminho para a salvação que não se baseia em regras e leis externas, mas na transformação do coração.

7. O Logos em Nossas Vidas: Qual Lógica Governa o Nosso Viver?

A compreensão de Jesus como o *Logos* divino transcende a teologia abstrata e lança um desafio direto e prático ao nosso modo de viver. Se toda a existência — desde a criação do universo até o projeto de uma cadeira — é permeada por um *logos* (uma lógica, um plano, um conceito), a pergunta inevitável é: qual *logos* governa a nossa vida pessoal? De quais fontes lógicas, verbais e conceituais estamos nos alimentando para formar nosso caráter e tomar nossas decisões?

Nesse contexto, surge uma crítica a uma forma de religiosidade que pode se tornar superficial. É possível que indivíduos se percam em debates secundários, contendas doutrinárias hostis ou na busca por inimigos externos, enquanto permanecem indiferentes à "lógica da morte" que opera ao redor: a injustiça, a violência, a dor e o sofrimento que destroem vidas. Quando as preocupações se limitam a questões periféricas, corre-se o risco de ignorar o cerne da mensagem do Evangelho.

A transição para uma vida governada pelo *Logos* de Deus pode ser comparada ao amadurecimento de uma criança. A um filho pequeno, impõe-se uma regra simples e externa: "não pode colocar o objeto na tomada". A explicação sobre corrente elétrica e seus perigos é complexa demais; a regra basta. Contudo, espera-se que, ao amadurecer, o filho compreenda a *lógica* por trás da regra. Ele não evita mais a tomada por medo da punição, mas por entender o princípio fundamental.

Da mesma forma, a maturidade espiritual não se resume a seguir uma lista de "pode e não pode". Ela consiste em ter a "mente de Cristo" (1 Coríntios 2:16), onde as ações e decisões fluem naturalmente do próprio caráter e da lógica de Deus. Não se pergunta mais o que é permitido, pois a própria natureza foi transformada pela Palavra.

Portanto, o convite final é para que o *Logos* de Deus ocupe cada espaço da vida. Que os pensamentos, os planos, a forma de gerir os recursos e de se relacionar com os outros sejam orientados por Ele. Isso implica uma dedicação consciente à Sua Palavra, permitindo que ela forme o ser de dentro para fora, para que a vida não seja uma contradição — ensinando o que não se vive e professando o que não se crê — mas um reflexo genuíno do Verbo que se fez carne.

A Casa da Rocha. #02 - Jesus, o Logos Deus - Zé Bruno - Quem é Jesus . Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mz-zO4-Zuig>. Acesso em: 06/08/2025.